

PASSADO & PRESENTE

Quatro personagens da história de Brasília voltam aos lugares por onde passaram no início da construção da cidade e relembram a vida difícil, as esperanças e o saldo desse longo percurso

Phillo Terzakis
Da equipe do Correio

RAIMUNDA, JAIRA, ABEL E LIA. QUATRO HISTÓRIAS DIFERENTES DE GENTE QUE ACOMPANHOU A CONSTRUÇÃO E O CRESCIMENTO DE BRASÍLIA. ONDE ELAS ESTAVAM HÁ 30 ANOS? QUAL FOI O CENÁRIO DAS FOTOS PREFERIDAS? BRASÍLIA COMPLETA 37 ANOS E, PARA COMEMORAR, OS QUATRO VOLTARAM AOS LUGARES QUE MAIS MARCAM SEUS PRIMEIROS ANOS EM BRASÍLIA.



Dona Mundinha e Jaira voltaram ao clube que lhes deixou saudades

MUNDINHA NÃO GOSTOU DO QUE VIU

Quando dona Mundinha desembarcou em Brasília, em 1965, tomou um susto. O lugar só tinha mato. Cadê as casas, as ruas? Tudo diferente de Campina Grande (PB), onde morava antes. Pior até que em Tapetim (PE), sua cidade natal — e olhe que na minha terra é uma miséria que ninguém imagina”.

Ficou. Não tinha outro jeito. O marido tinha desaparecido na Paraíba, sem deixar pistas. No Nordeste, ela não tinha emprego. E ainda havia sua única filha, Jaira — na época, com sete anos — para sustentar. Aceitou o convite de um irmão que morava em Brasília.

Logo, Raimunda Leite Ramos conseguiu emprego no Clube Motonáutica — ponto de encontro tradicional dos moradores de Vila Planalto. Foi morar com a filha em um barraco perto do trabalho. “Fui zeladora, auxiliar de secretária e ajudante do médico”, lembra. Aposentou-se depois de 26 anos como funcionária do clube.

Criou a filha sozinha. “Tudo no poder da oração. Foi meio duro, mas estou vencendo até hoje”, afirma. Aos

poucos, foi trazendo toda a família do interior de Pernambuco para Brasília. Hoje, ela tem um lote e construiu uma casa.

SEGUNDA CASA

O Clube Motonáutica era a segunda casa de Jaira. A mãe passava o dia todo trabalhando. Ela ia para a escola de manhã. Depois, seguia para o clube. Lá, almoçava com Dona Mundinha, fazia os deveres de casa, praticava esportes, brincava, conversava. As duas só voltavam para casa à noite. Jaira cresceu no clube. Como pioneira, também ganhou um lote na Vila Planalto.

Voltar? “De jeito nenhum. Agora, eu acho bom, muito melhor do que lá”, garante Dona Mundinha, atualmente com 71 anos — nasceu no dia 13 de abril, mas foi registrada no dia do aniversário de Brasília. Quando visita sua terra, tem vontade de chorar. “É muita miséria. Quando eu olho, só penso em voltar voando para Brasília”, confessa.



Mãe e filha no clube Motonáutica no início dos anos 60

AMARGURAS DE UM POBRE PIONEIRO

Mineiro, pioneiro, solteiro e expedreiro. É assim que Abel Ribeiro, 69 anos, se define. O resto da definição não rima: *piotário* e fotógrafo. “*Piotário* é a mistura de pioneiro com otário, porque ajudei a construir Brasília e não me dei bem na vida”, explica, com um sorriso amargo. Hoje, a fotografia é seu único ganha-pão.

Abel chegou aqui no dia 12 de abril de 1958. Deixou Dorcas do Indaiá (MG), para trabalhar como pedreiro na futura capital do país. Ajudou a construir o Teatro Nacional e a Rodoviária. “Toda vida, acreditei em cidade nova. Ainda mais em Brasília”, diz, para justificar sua vinda.

Em 1962, descobriu sua grande paixão: a fotografia. Fez um curso em São Paulo, aprendeu e não parou mais. No começo, era um *hobby*. Fotografava o cerrado, os acampamentos de pioneiros, os amigos, as festas.

No Jardim Zoológico de Brasília, tirava fotos dos visitantes. Em 1962, foi clicado em cima de Neli — o primeiro e mais famoso animal do Zôo, na época, com 25 anos. Há mais de 20 anos, não ia ao zoológico. Em 1994, soube da morte de Neli. Só na semana passada, conheceu o novo casal de elefantes da cidade, Bela e Babu. Nem Juscelino Kubitschek nem

Mané Garrincha escaparam de suas lentes. Os dois são seus ídolos. “Sou flamenguista de papo-amarelo”, diz.

Abel fotografou a história de Brasília. O resultado de seu trabalho está guardado em dezenas de caixas de papelão, no velho e minúsculo barraco nº 2 da Avenida Rabello, na Vila Planalto.

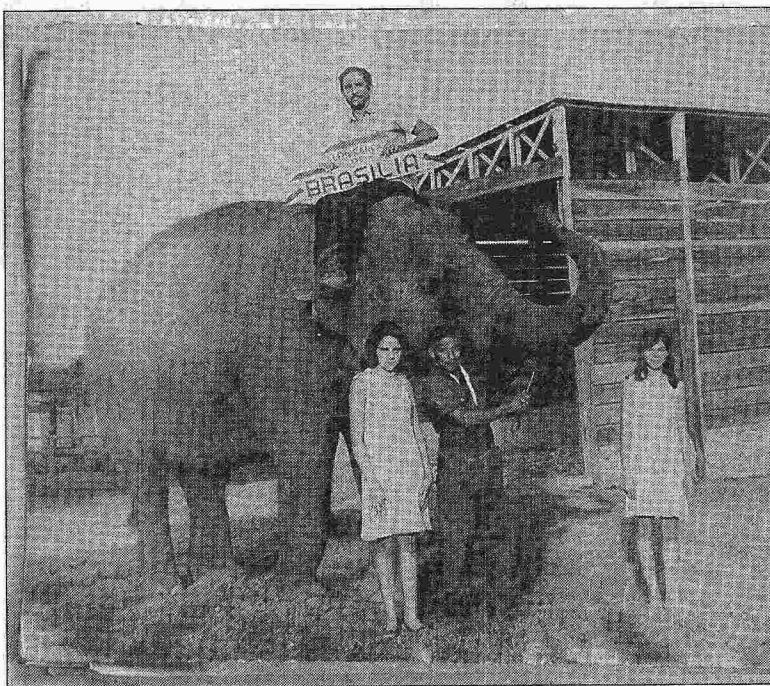
MULHER BONITA

Brasília nasceu e cresceu. Trinta e sete anos depois da inauguração da cidade, a vida de Abel continua difícil. Hoje, ele mal consegue sobreviver tirando e vendendo fotografias. Procura um emprego fixo como fotógrafo. Mas está difícil.

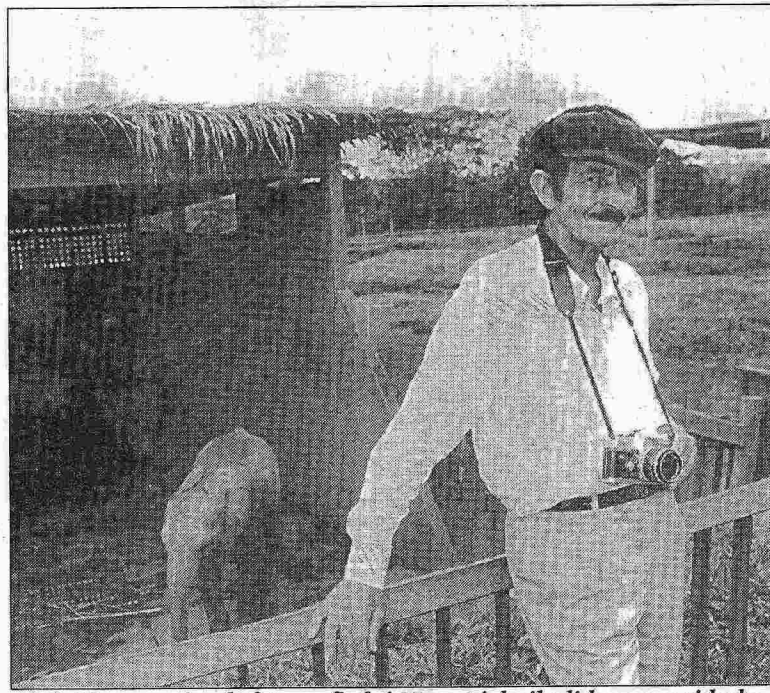
Além da falta de dinheiro, a solidão atormenta o pioneiro. Nunca se casou. Vive sozinho no lote que ganhou do Governo do Distrito Federal. “Uma vez, quase me casei com uma mineirinha que foi minha paixão, Maria Divina. Mas, na época, a situação financeira não estava boa”, conta.

Divina casou com outro, em Minas Gerais, separou-se e — para alegria de Abel — voltou para perto dele. Está morando em Valparaíso de Goiás. Os dois já trocaram endereços. “Ainda caso com ela”.

Se a “mineirinha” não aceitar, ele vai continuar procurando. “É difícil. Estou feio, velho e pobre”, reconhece. Mesmo assim, não aceita qualquer uma. “Quero uma mulher branquinha, com voz feminina e olhar morto. Quem não gosta de uma mulher bonita?”, pergunta, malicioso.



Em 1962, Abel Ribeiro se deixou fotografar no zôo montado na elefanta Neli



Abel, 69 anos, vive de fotografia há 35 e está desiludido com a cidade

patrimônio histórico da humanidade. Decisão da Administração da Candangolândia. “Fazer o quê? Mas nunca vou deixar de visitá-lo”, jura.

O Clube Motonáutica é um dos cenários preferidos do velho álbum de família de Dona Raimunda e da filha, Jaira. Não poderia deixar de ser. Lá, a pernambucana trabalhou durante 26 anos. No clube, criou a filha. Voltou a visitar o local na semana passada. “Quase nada mudou. Que saudade! Dá vontade de passar o dia todo sentada aqui”, desabafou.



Lia Costa, 76 anos: “Se eu pudesse escolher, terminaria meus dias aqui”

SAUDADES DA VELHA CASA DE MADEIRA

Para Dona Lia, o dia 21 de abril é especial por três motivos. É o dia do aniversário de Brasília e da morte de Tiradentes — seu personagem histórico preferido. E, o mais importante: Dona Lia, ou melhor, Maria da Conceição Costa, completa 76 anos — 38 deles no Planalto Central.

Em 1959, deixou sua terra, Belo Horizonte (MG). O marido, Jarbas, veio trabalhar como técnico em edificações na construção da cidade. O casal e as cinco filhas foram morar na casa nº 14 da Rua dos Engenheiros, na antiga Velhacap — hoje, Candangolândia.

Desde o começo, ela se apaixonou pelo grande barraco de madeira, com amplos cômodos, cercados pelo jardim e pelo quintal. Ali, era seu mundo. Na casa, criou os filhos.

PLANTAS

O tempo fez estragos na velha construção. A manutenção do prédio estava ficando cada vez mais difícil e mais cara. “Mesmo assim, se eu pudesse escolher, terminaria meus dias aqui”, garan-

te a pioneira. Mas não pôde escolher. A Administração da Candangolândia pediu a desocupação da casa, que deverá ser tombada como patrimônio da humanidade.

Bem que ela tentou resistir à mudança. No entanto, depois de várias intimações do administrador, a única saída foi construir outra casa, em um lote na mesma rua. A casa na Rua dos Engenheiros ficou pronta este ano. “Foi construída com muita madeira para eu não sentir falta do meu antigo barraco”, revela dona Lia.

Ela acabou de se mudar e ainda reclama da decisão da administração: “Não sou invasora. Morei ali com autorização da Novacap”. Mudou-se, mas não deixa de visitar o antigo lar, que fica a poucos metros do novo. “Ainda tem muita coisa minha naquela casa”, afirma.



No barracão de madeira, dona Lia criou filhos e plantas